

Filho meu, guarda o mandamento de teu pai e não deixes a instrução de tua mãe; ata-os perpetuamente ao teu coração, pendura-os ao pescoço. Quando caminhares, isso te guiará; quando te deitares, te guardará; quando acordares, falará contigo. Porque o mandamento é lâmpada, e a instrução, luz; e as repreensões da disciplina são o caminho da vida; para te guardarem da vil mulher e das lisonjas da mulher alheia. Não cobices no teu coração a sua formosura, nem te deixes prender com as suas olhadelas. Por uma prostituta o máximo que se paga é um pedaço de pão, mas a adúltera anda à caça de vida preciosa. Tomará alguém fogo no seio, sem que as suas vestes se incendeiem? Ou andarás alguém sobre brasas, sem que se queimem os seus pés? Assim será com o que se chegar à mulher do seu próximo; não ficará sem castigo todo aquele que a tocar (Pv 6.20-29).

Adultério na Igreja: Uma Abordagem Preventiva

Por Ray Stephens.

Tradução e edição – Solano Portela.

Alguns médicos, amigos meus, vivem me dizendo que a sua profissão está no limiar de uma revolução. A medicina está mudando o seu enfoque da cura, para a *prevenção*. Nesse sentido, observamos em nossa sociedade uma ênfase maciça na educação sanitária. Os médicos verificaram que não é suficiente tratar a doença após o seu surgimento. O seu papel é também identificar o modo de vida que resulta em uma saúde deficiente, efetuando correções necessárias antes que surjam os problemas.

Precisamos desenvolver uma mudança semelhante na nossa compreensão do que é a pregação. Reconhecemos que a pregação das Escrituras têm um propósito corretivo: ela é direcionada contra os pecados que já se manifestam em nossas vidas. Ela faz com que esses pecados sejam expostos e condenados e que sejamos corrigidos. Mas a pregação também deveria ter esse aspecto preventivo. Como podemos ver no trecho do livro de Provérbios, acima citado, a preocupação dos autores das Escrituras não era apenas a de condenar os pecados mas também a de preservar os leitores de cair neles.

Essa visão torna-se ainda mais necessária no campo da ética sexual. Ficamos horrorizados quando falhas morais aparecem em nossas igrejas, mas não deveríamos ficar surpresos. Quantos sermões foram pregados, que você se lembra, ensinando aos crentes como conservarem-se longe do adultério? Todos os sermões que eu ouvi sobre o sétimo mandamento possuíam o mesmo propósito – informar aos ouvintes que se eles não tinham quebrado o mandamento explicitamente, o haviam feito internamente. Esse objetivo é

legítimo, mas não é o único contido na lei de Deus. A lei foi dada não apenas para nos dar a convicção de pecado, mas também para nos preservar dele.

Hoje em dia vivemos em meio a um terremoto moral que abala as nossas igrejas. O crente mais experiente e aquele que aparenta mais maturidade, não está isento de sentir esses efeitos. Parece que não conseguimos atravessar um mês sem que cheguem aos nossos ouvidos novas notícias de pastores que tiveram os seus ministérios tragicamente interrompidos, por falhas morais em seu comportamento. Houve um tempo em que as notícias sobre adultério nas igrejas eram raras, agora elas são freqüentes.

Muitos crentes estão espantados. Nesse artigo, gostaria de abordar duas questões. Em primeiro lugar, perguntamos, “Como podemos prevenir isso?”

Por que Crentes Caem em Adultério?

Não existe uma única resposta. Não existem dois casos semelhantes, mas podemos identificar fatores comuns aos casos observados.

1. A forma de pensamento do mundo.

Muitos crentes caem em adultério porque passaram a absorver a forma de pensamento do mundo. Inconscientemente, passaram a aceitar a interpretação mundana dos eventos. Esse é o ponto que Salomão levanta no trecho que citamos no início. Ele está seguro que o pecado moral começa na mente. O autor do Salmo 1 concorda totalmente com essa posição. Antes de uma pessoa se deter no caminho dos pecadores, ela primeiro caminhou ouvindo o conselho dos ímpios. A sua mente deveria estar sendo formada pela meditação na Lei do senhor, mas em vez disso essa pessoa está absorvendo o pensamento do mundo. Essa infiltração pode ocorrer tanto pela mídia como pelo seu círculo de amizades – isso não faz diferença. As muralhas da fortaleza da sua mente já ruíram. A captura da cidade é agora apenas uma questão de tempo.

Estamos sendo condicionados a aceitar os pressupostos do mundo em que vivemos. É nossa responsabilidade o reconhecimento e identificação dessas pressuposições. Quando fazemos isso e confrontamos as mesmas com a Palavra de Deus, estamos começando a nos salvar do pecado.

O mundo nos ensina o seu próprio conceito de casamento. Nessa visão, o casamento é apenas uma convenção social utilitária: um contrato voluntário. Como todos os outros contratos, pode ser dissolvido se deixa de ser benéfico ou satisfatório às partes que o compõem. Mas as Escrituras nos ensinam que a dissolução do casamento não é um mero término de um contrato social. O marido e a esposa são um – tornaram-se “uma carne”. O término de um casamento significa rasgar uma pessoa viva em duas metades.

Não pode ser efetivado sem causar um dano extremamente violento em ambas as partes. A pessoa que resolve deixar o seu, ou a sua parceira no casamento, procurando por um outro tipo de satisfação, está optando pela auto-destruição. Ela está manuseando pelo lado errado “um tição em brasas”, ou “caminhando em uma fogueira”.

O mundo nos ensina o seu próprio conceito do que seja “romance”. Ouvimos que isso é a chave para um relacionamento bem sucedido. C. S. Lewis, no seu livro “Cartas do coisa-ruim”, escreve que no inferno devem estar se gabando dos sucessos obtidos, mais ou menos assim:

Conseguimos essa façanha utilizando poetas e romancistas. Eles persuadiram os humanos que aquela experiência, geralmente de curta duração, chamada de “estar amando” é a única base admissível para o casamento; que o casamento pode e deve dar permanência a esse estágio de excitação; e que o casamento que não contém esse ingrediente, não tem mais razão para ter continuidade. Com esse conceito, estamos parodiando uma idéia que teve a sua origem no campo inimigo.

Com efeito, as Escrituras testemunham a realidade do “amor romântico”, mas também nos ensinam que um envolvimento apaixonado e emotivo não é uma garantia de entrosamento entre as partes, nem a sua ausência, necessariamente, um impedimento a um relacionamento permanente e satisfatório.

O mundo nos ensina o seu conceito próprio da atração sexual. Isso é apresentado como sendo uma força misteriosa e irresistível. Inúmeras novelas, na televisão, reforçam essa mensagem. Quando a flecha da atração sexual atinge o alvo, não existe qualquer remédio. A única solução à tentação é sucumbir a ela. Existe um nível específico de prazer sexual que deve ser visto como normativo a todos. Aqueles que estão aquém desse nível, ou que são privados dele, devem procurar superar essa “falha” a todo custo. Assim proliferam os manuais sexuais que ensinam o “como”, bem como se multiplicam as clínicas de terapia sexual. Filmes são feitos e distribuídos estabelecendo um padrão de êxtase que deve ser alcançado, nessa esfera. Os parceiros que não conseguem atingir esses níveis são rotulados de “incompatíveis” e devem considerar o preenchimento de sua satisfação em outras paragens.

O mundo nos ensina o seu conceito próprio de liberdade humana. No cômputo final, os outros argumentos se reduzem a este. Somos ensinados que temos o direito de viver as nossas vidas sem nos referirmos ao nosso Criador. O meu corpo é só meu. Eu decido o que fazer com a minha vida. Se eu escolho causar dano a mim próprio, ninguém tem nada com isso. Ninguém tem o direito de me dizer o que fazer.

Alguns partidários desses pontos de vistas completam: “desde que eu não fira alguém, com minhas ações”. Outros são mais coerentes – “minha liberdade é absoluta. Não importa o bem de meus filhos, nem a

consideração que eu deveria ter com o meu cônjuge. Minha única responsabilidade é a procura da minha felicidade”.

Por que utilizarmos tanto espaço para esboçar aquilo que acredito ser os conceitos do mundo? Será que já não temos familiarização suficiente com esse modo de pensar? Sim! Mas o problema é que estamos tão familiarizados com ele que deixamos de notar a sua ocorrência em nosso meio. E, em nossas avaliações, já partimos pensando dessa forma. De uma forma genérica nós já nos rendemos em todas essas áreas de pensamento. A extensão dessa rendição fica evidente quando observamos a imensidão de livros cristãos, que tratam de relacionamentos, que enchem as nossas livrarias evangélicas. Muitos desses aceitam sem restrições os conceitos do mundo que acabo de esboçar. Alguns são assumidamente hedonistas, idolatrando o prazer. Eles exaltam a atração sexual, como sendo o objetivo supremo da mulher cristã. Eles insistem em estabelecer a impossibilidade de contentamento sem a realização sexual.

O sucesso obtido pelo mundo, na propagação de suas idéias, é igualmente verificado na forma como administramos os nossos grupos de jovens. Aceitamos com naturalidade que os jovens devem existir em pares desde a tenra adolescência. Os programas na televisão nos asseguram que o namoro dos juvenzinhos é uma norma saudável. Aceitamos isso e acatamos que eles pulem de relacionamento a relacionamento, descartando namorados e namoradas quando se tornam aparentemente “chatos” ou perdem a sua atração. Aparentemente acreditamos que eles podem formar e quebrar laços de afeição física sem causar danos a si próprios. Não é de espantar que esses mesmos adolescentes, quando se casam, passem a reger suas vidas com as mesmas pressuposições.

Não temos o direito de ficarmos chocados quando crentes caem em adultério. Nossa covardia – nossa falha na apresentação de padrões absolutos – possibilitou esse estado de coisas. Ficamos aterrorizados em sermos classificados de “quadrados”, legalistas, puritanos ou com outros adjetivos menos suaves. Temos ensinado nossos jovens a ridicularizar a imaturidade demonstrada nas gerações passadas de crentes que condenavam o cinema, reprovavam a dança, insistiam nos encontros supervisionados por alguém e restringiam a discussão pública de questões sexuais. Deixamos que esses jovens acreditassem que a nossa geração atingiu um patamar tal de compreensão das coisas de Deus e de sofisticação que podemos tranqüila e seguramente descartar a sabedoria do passado. Em nossa pretensa ingenuidade aceitamos a estimativa feita pelo mundo do nosso próprio progresso e sabedoria.

2. Falsa confiança.

Quando crentes que têm um casamento feliz e ajustado ouvem sobre outros que caíram em pecado sexual, ficam quase sempre horrorizados e perplexos. Não podem imaginar como isso pode ter acontecido. E *sabem* que isso nunca acontecerá com eles. Paulo escreveu (tratando de pecado sexual): “*Aquele que pensa estar de pé, veja, não caia*” (1 Cor 10.12). O crente que não pode imaginar a própria queda em pecado sexual

é o que está mais próximo de cair. Se você está lendo este artigo apenas para ter uma percepção do porque *outros* crentes caem em adultério, cuidado! Você não está imune às tentações. Não existe um estágio no qual os crentes estão fora de perigo. Um casamento feliz não é passaporte para a imunidade às tentações, nem também o tempo prolongado de sua experiência cristã. Se Satanás for bem sucedido em nos prover de uma falsa sensação de segurança, tornamo-nos o seu alvo principal. Temos que olhar com seriedade a realidade da sutileza e da malícia de Satanás. Enquanto tivermos a natureza pecaminosa – campo fértil para a sua exploração, somos capazes de sermos enredados no mais baixo dos pecados.

3. Ingenuidade sobre relacionamentos espirituais.

Uma grande maioria dos crentes que caem em adultério, cometem o pecado com outros crentes. Com grande frequência o relacionamento foi desenvolvido a partir daquilo que era considerado apenas como uma amizade espiritual. O fator de atração ao que se tornará amante é uma “atração espiritual”. As pessoas do mundo chamam isso, e se confortam no fato, de que o relacionamento é “platônico”, fornecendo assim segurança aos envolvidos. Os crentes brincam com esses mesmos conceitos complacentes quando falam de suas amizades “espirituais”.

O escritor John White descreve um caso típico ao que estamos apresentando. Joana era casada com um marido alcoólatra. Severino era o seu pastor.

“Fiquei chocado quando verifiquei, um dia, que o pastor Severino, o homem que havia sido o instrumento de sua conversão, estava cheio de problemas. Ele não pedia piedade, na medida em que os detalhes de seu envolvimento eram apresentados. Ele queria que Joana soubesse que a presença dela, nas sessões semanais de aconselhamento, o haviam ajudado tanto quanto aparentavam ter auxiliado a ela. Ela ficou feliz em saber que isso havia acontecido e prometeu orar também por ele. Isso fez com que a dívida que acreditava ter para com ele ficasse um pouco menor. Ela também ficou surpresa quando verificou como ela ficava feliz só em estar falando com ele e como ela podia reciprocitar, dando-lhe um pouco da força que havia recebido dele.

Aquilo que havia começado com um grito de auxílio e uma demonstração de dor, tornou-se um derramar de dificuldades mútuas e uma fonte de encorajamento em oração. Um homem e uma mulher encontrando forças um no outro para confrontar os dias difíceis que atravessavam em seus respectivos lares. A gratidão e respeito transformaram-se em amizade e a amizade, por sua vez, em afeição.

Os passos trilhados, nos quais essa mesma afeição se aprofundou e encontrou expressão física, são de menor conseqüência. O que é importante é que ambos, após analisarem os seus corações, decidiram que não estavam fazendo nada de errado”.

Os crentes podem ser extremamente ingênuos quando se trata de relacionamentos. Eles confiam nas declarações um do outro. Tadeu diz a Maria que a sua afeição por ela é meramente fraternal. Maria assegura a Tadeu que a sua amizade com ele não afeta o relacionamento que tem com o seu marido. Ambos podem acreditar que o que estão dizendo é verdade. Ambos estão sujeitos a estarem sendo enganados, como também a estarem enganando.

Mais uma vez, o problema é que os crentes são “bonzinhos” demais. Quando Tadeu diz a Maria que ele está inseguro e que precisa de uma prova de sua afeição fraternal, ela reluta em feri-lo pela recusa a um contato físico que levará, no plano final, a um envolvimento sexual. Quando Maria fala com Tadeu que ela está solitária e que precisa de sua amizade, ele acha que faz parte de sua responsabilidade cristã conceder o apoio que necessita.

Temos que levar a sério a doutrina da permanência do pecado. Até chegarmos à glória, continua sendo verdade que o relacionamento mais inocente e “espiritual” pode se transformar em uma relação imoral.

4. A Revolução do aconselhamento.

O exemplo apontado pelo escritor John White traz à tona um ponto adicional. Já falei anteriormente da quantidade de pastores que, nos últimos anos, se envolveram com relações adúlteras. Repetidamente essas situações ocorrem em sessões de aconselhamento.

Aceitamos com muita facilidade a pressuposição do mundo de que os problemas pessoais se resolvem com mais facilidade se falarmos sobre eles. Quando praticamos isso, expomos pastores e outros conselheiros a tentações intensas. Sabemos que é uma lisonja sermos solicitados a aconselhar. Quando alguém procura a nossa ajuda, sentimo-nos necessários. Quando mulheres se aproximam dos seus pastores e compartilham segredos íntimos (especialmente segredos relacionados com os seus casamentos) é inevitável a formação de laços de lealdade emotiva, entre o conselheiros e aconselhadas. Esses laços, com frequência, se desenvolvem em adultérios. Normalmente, as confidências que as mulheres trocam com seus pastores, são questões que não podem ser compartilhadas, mais tarde, com seus maridos – e os pastores sabem disso. Isso já significa a formação de um laço de segredo e lealdade, que exclui os outros cônjuges.

Não encontramos o direcionamento bíblico de que temos de nos apresentar a algum tipo de “especialista espiritual” para discutir ou compartilhar os nossos pecados, ou os dilemas emocionais que os acompanham. A ênfase colocada repetidamente pelos autores da Palavra é a de que a responsabilidade de lidarmos com os nossos pecados é nossa, de acordo com a luz providenciada pelas Escrituras. Compartilhar certo tipo de problemas com amigos íntimos, do mesmo sexo, é uma atitude natural. Entretanto, o envolvimento em um relacionamento marcado pelo “compartilhamento de problemas” com pessoas do sexo oposto é loucura. Minha política como pastor é simples. Quando senhoras casadas procuram uma oportunidade para

compartilhar os seus problemas pessoais, eu pergunto *o por que*. Se elas procuram auxílio para saber o que as Escrituras têm a dizer sobre o assunto, responder a essas indagações é o meu papel como pastor. Mas se elas não procuram ensinamento, mas apoio emocional, não me envolvo. Conheço muito bem o meu coração. Quando os protestantes aboliram o confessional, não foi uma medida apenas teológica. Foi levada em conta a experiência prática, considerando que relações desenvolvidas no confessional muitas vezes pavimentavam o caminho da imoralidade.

5. *Falsos conceitos de direcionamento.*

Inúmeras vezes, crentes que se envolvem em adultério procuram justificar o seu pecado pelo “direcionamento” que receberam. Muitas vezes fazem referência a versos da Bíblia que causaram profunda impressão em suas mentes. Outras vezes falam de uma paz interior encontrada, ou de uma liberdade extraordinária experimentada na oração, de vozes internas ou de impulsos. Às vezes relatam uma seqüência de eventos extraordinários, através da qual foram direcionados por Deus. Resumindo, existe um apelo a todo o tipo de direcionamento que, como evangélicos, foram ensinados a esperar.

Essa doutrina de direcionamento que é normalmente ensinada representa uma negação da suficiência das Escrituras. Só existe uma maneira pela qual Deus dirige o seu povo. Ele os direciona utilizando o ensinamento claro da Bíblia, aplicado racionalmente às situações individuais. Quando ensinamos aos crentes que eles podem esperar direcionamento às suas ações procedentes de outras fontes, abrimos a possibilidade para que sejam “direcionados” ao pecado. Se permitimos que outras formas de direcionamento se mantenham firmes, em paralelo às Escrituras, essas outras formas terminarão suplantando as próprias Escrituras.

É errado até pedir direcionamento sobre questões que já foram estabelecidas por Deus. Deus disse: não adulterarás. O crente que pede direcionamento sobre um adultério real ou em potencial, quase que certamente estará procurando evitar a contundência do mandamento contra esse relacionamento. É trágico, mas normalmente aqueles que procuram esse direcionamento, quase sempre o encontram. Terminam por persuadirem-se a si mesmos que receberam uma “palavra do Senhor” justificando os seus desejos.

Como Podem os Crentes se Guardar do Adultério?

Não existe uma resposta simples, mas existem mandamentos claros, nas Escrituras, que receiam a enganabilidade de seus próprios corações.

Meditação na Lei do Senhor

Se o perigo principal é o condicionamento de nossas mentes à forma de pensar do mundo, nossa defesa principal é a meditação na Lei do Senhor. Esse é o ponto enfatizado no trecho da Palavra de Deus citado no início deste artigo: *“Filho meu, guarda o mandamento de teu pai... ata-os perpetuamente ao teu coração, pendura-os ao pescoço”*. O mundo continua a nos pressionar com a sua visão de casamento, romance, atração, prazer; conseqüentemente, temos que saber o que as Escrituras têm a dizer sobre cada uma dessas áreas. Cada novela da televisão, cada propaganda segue martelando a filosofia do mundo. Temos que identificar e expor a mensagem sutil transmitida por esses veículos à luz da Lei de Deus. Somente quando meditamos nessa Lei dia e noite, podemos estar seguros. Isso quer dizer algo mais do que “decorar versos da Bíblia”. Significa o trabalho pesado de identificar cada diretriz e mandamento, verificando como eles desafiam a visão do mundo, aplicando tudo isso em nossas próprias pressuposições e formas de comportamento.

Casamento

A salvaguarda mais excelente contra o adultério é a instituição do casamento (1 Co 7.2). Mais uma vez o livro de Provérbios nos instrui: *“Seja bendito o teu manancial, e alegra-te com a mulher da tua mocidade, corça de amores e gazela graciosa. Saciem-te os seus seios em todo o tempo; e embriaga-te sempre com as suas carícias. Por que, filho meu, andarias cego pela estranha e abraçarias o peito de outra?”* (Pr 5.18-20). Todos que estão convencidos dos perigos contidos em pecados sexuais, deveriam estar preocupados na construção de casamentos satisfatórios e sólidos, pelos padrões da Palavra. João Calvino escreveu palavras de aviso contra os que acreditavam que podiam ignorar essa instituição divina. Esse aviso parece incrivelmente contemporâneo:

“... Os que estão sendo atingidos por incontidência, perdendo a guerra contra ela, deveriam ingerir o remédio do casamento, cultivando assim a castidade na jornada do seu chamado. Aqueles que não conseguem se abster, se não aplicam o remédio permitido e providenciado para a intemperança, colocam-se em pé de guerra contra Deus, resistindo à sua determinação. Ninguém venha me dizer (como muitos, atualmente, estão falando) que pode tudo com a ajuda de Deus. O auxílio divino está presente apenas na vida daqueles que andam pelos Seus caminhos (Sal 91.14). Ou seja, de acordo com a vocação com a qual foram chamados, da qual se desviam voluntariamente quando desprezam os remédios preparados por Deus e, na sua vaidade e presunção, se envolvem em uma luta sem fim procurando dominar os seus sentimentos naturais”.

Pureza de pensamento

“Ninguém, ao ser tentado, diga: ‘Sou tentado por Deus’; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado pela sua própria cobiça, quando esta o

atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte” (Tiago 1.13-15). O ato pecaminoso é o filho do desejo pecaminoso. Sentir o desejo é normal. Deter-se nele e permitir que ele cresça é pecado. O adultério é formado da noite para o dia. Quando os crentes caem em adultério, é porque eles caíram nele, primeiramente, em suas mentes.

Temos que aniquilar os desejos pecaminosos (Ro 8.13; Gl 5.24). Não devemos discuti-los, pensar neles e muito menos deixar que encontrem abrigo. Eles devem ser mortos sem retardamento ou misericórdia. O desejo deve morrer antes que gere o monstro do adultério.

Senso Comum

Paulo disse a Timóteo que “fugisse dos desejos da juventude”. Em outras palavras, corra deles! Fique o mais longe possível da tentação. O livro de Provérbios traz a mesma abordagem construída sobre o senso comum: “*Afasta o teu caminho da mulher adúltera e não te aproximes da porta da sua casa*” (Pr 5.8). Deus promete que seremos protegidos quando cairmos em tentação, mas a promessa não se aplica se voluntariamente escolhemos ser tentados. Se temos certeza de nossa incompatibilidade com alguma pessoa, é melhor evitá-la. Se você sabe que certas músicas despertam pensamentos românticos nostálgicos em você, livre-se das fitas, ou dos CDs. Se sabemos que situações específicas conduzem a tentações, vamos evitá-las. J. B. Philips parafraseou Romanos 13.14 assim: “Sejamos cristãos da cabeça aos pés, e não vamos deixar a carne ter o seu dia em nossas vidas”.

Disciplina física

Paulo escreveu, “*Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão...*” (1 Co 9.27). Ele não estava falando de auto-tortura, mas está nos ensinando a importância da manutenção da auto-disciplina. O seu corpo sabe quem é que manda nele. Os seus apetites são mantidos sob controle.

A auto-indulgência em uma área qualquer da vida certamente também afetará outras áreas. Crentes que demonstram cobiça, preguiça, e relaxamento disciplinar não apresentam perspectivas de serem controlados e disciplinados quando confrontarem tentação sexual em suas vidas. O adultério de David com Bate-Seba ocorreu quando ele estava ocioso, em Jerusalém, “*no tempo em que os reis costumam sair para a guerra*” (2 Sa 11.1). Ele abandonou suas responsabilidades e mandou Joabe na liderança do exército, em seu lugar. Sua vida pouco disciplinada deixou-o vulnerável e aberto às tentações sexuais.

A perspectiva eterna

“*Ora, as obras da carne são conhecidas e são: prostituição (imoralidade sexual), impureza, lascívia, ... não herdarão o reino de Deus os que tais coisas praticam*” (Gl 5.19-21). “*Fora ficam os ... (sexualmente) impuros, os assassinos...*” (Ap 22.15). “*Não vos enganeis: nem impuros (sexualmente imorais), nem idólatras, nem adúlteros, ... herdarão o reino de Deus*” 1 Co 6.9-10). O pecado pode trazer – a curto prazo –

o prazer real. Mas a opção pelo pecado é a opção pelo inferno. Temos que preservar a perspectiva eterna. Temos que viver sob a realidade de um julgamento e com a certeza do veredito divino sobre os imorais perante os nossos olhos. A manutenção dessa compreensão evitará que escorreguemos em pecado.

O trono da graça

“Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado. Acheguemo-nos, portanto, confiadamente, junto ao trono da graça, a fim de recebermos misericórdia e acharmos graça para socorro em ocasião oportuna” (Hb 4.15-16). Esse é o último recurso na hora da tentação, Nosso Senhor Jesus Cristo experimentou a realidade da tentação. Ele sabe como a solidão pode ser assustadora. Ele conhece a insistência e o apelo dos nossos apetites físicos. Ele sabe como uma outra pessoa pode parecer irresistivelmente atraente aos nossos olhos e sentidos. Ele não é conivente com os nossos pecados, mas Ele se identifica com as nossas tentações e nos concede a Sua graça – precisamente a graça que precisamos e exatamente na hora em que precisamos.

Deveríamos saber como reagir quando a tentação aparece. Na hora da necessidade deveríamos ir a Cristo sem demora – fazer isso na hora que me apercebo que estou sendo atraído por uma pessoa que não é para mim. Frequentemente deixamos de lado as providências preventivas até que o problema atinge proporções inadmissíveis. Temos que aprender a dosar a nossa sensibilidade para que reconheçamos os primeiros sinais de uma tentação. Aí temos que lidar com ela radicalmente, sem pensar duas vezes. Pela graça que Ele nos concede, isso é possível.

Nota do Editor:

Esse excelente artigo de Ray Sephens, além de trazer algumas respostas às nossas indagações, deve servir de alerta a todos nós, para que nos coloquemos sob as misericórdias de Deus, para que ele preserve a nossa vida, a daqueles com quem temos responsabilidades e a quem amamos e o testemunho da Sua igreja, tão abatido em nossos dias.

Na identificação das causas, respondendo à pergunta: Por que crentes caem em adultério? Ray Stephens possivelmente deixou de mencionar uma *sexta* causa. Esta compreenderia aqueles que na realidade não caíram por terem absorvido a forma de pensar de mundo – eles estão convictos de que a forma bíblica de identificar o pecado é a verdadeira; nem tampouco caíram porque sentiram falsa confiança – estavam por demais conscientes de suas fraquezas e a exposição ao pecado não foi por desconhecem o seu próprio coração – na realidade talvez até já tivessem um histórico de quedas passadas; da mesma forma, não caíram por serem ingênuos sobre os relacionamentos espirituais – não foram inocentes, mas deliberadamente se expuseram ao risco e ao pecado; também não caíram por estarem intensamente envolvidos com aconselhamento – alguns são até ocupados em demasia para desenvolverem esse tipo de ministério; finalmente, a queda não teria sido por procurarem direcionamentos extra-bíblicos no sentido de justificar o

comportamento – muitos realmente consideram a bíblia a *única* fonte de direção e não procuram justificação para a queda.

A *sexta causa* seria o puro e simples **desprezo pelas diretrizes divinas**. Sim, isso ocorre aos crentes, e até a líderes, dentro das igrejas. Temos também inúmeros exemplos disso, na própria Palavra de Deus – como o Seu povo simplesmente bloqueava a mente e o coração ignorando as demandas de Deus em suas vidas. Crentes ativos e convictos das verdades de Deus podem agir em total desprezo às advertências que recebem, às condenações que conhecem, às prescrições que refletem em seus estudos, palestras, sermões, exposições e livros. Talvez confundam a longanimidade de Deus com ausência de castigo, de justiça retributiva; talvez estejam acomodados no conforto de uma vida sem problemas; talvez se auto-convenceram que não tinham que prestar a contas ninguém, exceto a Deus e, colocando-se nessa posição, passam a ignorar aquilo que Deus claramente já determinou em sua palavra, com relação ao pecado de adultério. Esses, certamente tornaram-se insensíveis aos sentimentos dos que o cercam, bem como ao dano que causarão ao testemunho do Evangelho e da igreja. Eles, mais que todos os outros, devem ser alvo de nossas orações, pois endureceram o coração mesmo com todo o conhecimento, atividade e até frutos apresentados em suas vidas.

Se temos conhecimento de irmãos que caíram nesse pecado, oremos para que a disciplina eclesiástica e divina opere arrependimento e restauração. Sobretudo, trabalhemos preventivamente em nossas vidas e na de outros, suplicando a Deus que Ele nos abrigue em sua graça, livrando-nos das tentações e do mal.